

RESENHA

A aula de Filosofia enquanto experiência filosófica: possibilitar ao estudante de filosofia “criar conceitos” e ou “avaliar o valor dos valores”

Danilo Augusto Ferreira de Jesus¹

GABRIEL, Fábio Antonio Gabriel. **A aula de Filosofia enquanto experiência filosófica: possibilitar ao estudante de filosofia “criar conceitos” e ou “avaliar o valor dos valores”**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017

A aula de filosofia enquanto experiência filosófica destaca-se como uma obra que evidencia as pesquisas do autor Fábio Antonio Gabriel. Neste trabalho, o autor problematiza a possibilidade de um ensino de filosofia que não esteja centrado no enciclopedismo, mas no conhecimento de filósofos propondo um ensino de filosofia que se relacione com a existência dos próprios interlocutores. O subtítulo “Possibilitar ao estudante de filosofia criar conceitos e ou avaliar o valor dos valores” descortina um entendimento das contribuições teóricas de Deleuze e Nietzsche apresentadas no livro. A obra é resultado de pesquisa de mestrado sobre ensino de filosofia realizada na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

A Profa. Dra. Ana Lúcia Pereira assim afirma no prefácio: “A pesquisa de Fábio Antonio Gabriel vem ao encontro de estudos que revelam que quando a aula de Filosofia permite ao estudante criar conceitos e ou avaliar o valor dos valores está se permitindo realizar uma experiência filosófica muito além do enciclopedismo. O autor destaca ainda que essas atividades (criar conceitos e avaliar o valor dos valores) relacionam-se intimamente, na medida em que, ao criar conceitos, o estudante estará repensando seus valores e avaliando os valores vigentes na sociedade contemporânea, na sociedade em que se insere, da mesma forma que, ao avaliar o valor dos valores, o estudante também estará recriando conceitos e criando novos conceitos.”

Na introdução, Gabriel (2017, p.34) delimita o objetivo geral da investigação apresentada no livro: “Em que medida é possível um ensino que não se limite a um mero ensino enciclopédico e, sim, possibilite uma experiência filosófica ao estudante do ensino médio, permitindo-lhe “avaliar o valor dos valores” e ou “criar conceitos” (GABRIEL, 2017, p.34). O

¹ Professor Pesquisador do Instituto Federal do Paraná - Campus Jaguariaíva, Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestre pelo programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional - PROFMAT - promovido pela Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) e Universidade Estadual de Londrina (UEL).

autor apresenta uma crítica ao ensino enciclopédico que limita o conhecimento filosófico à memorização, sem reflexão dos sistemas filosóficos. Gabriel (2017, p.35) também considera ser importante que o aluno seja considerado como elemento ativo no processo da aprendizagem filosófica. Assim, não basta, de forma alguma, apenas um rol de metodologias por parte do professor se o estudante não quiser filosofar.

A epígrafe apresentada logo no início da obra de Deleuze demarca o embasamento teórico vigente no livro. A epígrafe é, por assim dizer, a definição da filosofia de Deleuze: “Quer dizer que a Filosofia não é a simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.11). Mas o que seria a filosofia então? “A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.11). Gabriel (2017), ao longo do seu livro, desenvolve uma reflexão procurando aplicar esse conceito de filosofia da prática do ensino de filosofia. Talvez uma das limitações dessa obra é que ela apresenta a filosofia integrada à realidade do ensino de filosofia da vida desse aluno do ensino médio.

O livro não trata apenas de uma pesquisa teórica, mas apresenta resultados de pesquisa empírica desenvolvida pelo autor, a saber, as seguintes etapas: Etapa 1 – Questionário aplicado com 116 professores do Paraná; Etapa 2 – Questionário aplicado com 340 estudantes no Ensino Médio; Etapa 3 – Entrevista semiestruturada com 4 professores do NRE de Jacarezinho. Na primeira etapa, Gabriel (2017) procurou ver como os professores de Filosofia entendem a especificidade do ensinar filosofia e verificar se eles compreendem a importância de um ensino de filosofia que não seja apenas enciclopédico e que possibilite uma experiência filosófica. Na segunda etapa, com um questionário aplicado a estudantes, o autor buscou efetivamente verificar como tem ocorrido o ensino de filosofia no Ensino Médio. E, na terceira etapa, o autor buscou aprofundar o conhecimento sobre a realidade do ensino de filosofia entrevistando quatro professores sobre seus métodos de ensino.

No primeiro capítulo intitulado “Do ensino de filosofia na educação: possíveis contribuições de Deleuze e de Nietzsche” o autor busca contextualizar as possíveis contribuições de Deleuze e de Nietzsche para se pensar o ensino de filosofia enquanto experiência filosófica. Inicialmente ele apresenta os dois exageros que existem em relação à história da filosofia: por um lado, desprezar a história da filosofia e, em outro extremo, supervalorizar a história da filosofia de modo a não possibilitar um contato direto com os textos filosóficos.

O autor cita Cerletti (2009) defende que o ensino de filosofia deve ser trabalhado com base num problema filosófico, e o modo de se ensinar filosofia depende do entendimento que se tenha do que seja filosofia. Há um nexos entre o próprio conteúdo filosófico que se ensina em uma aula e o exercício do filosofar. Gabriel (2017, p. 45) apresenta que ensinar filosofia não é apenas um problema pedagógico, mas é um problema filosófico que demanda um esforço investigativo. Questões a serem ponderadas é que o ensino de filosofia demanda uma problematização filosófica, isso quer dizer que, mais importante do que oferecer respostas às indagações dos estudantes, a filosofia é a arte de induzir o aluno a criar questionamentos. Assim, a disciplina deve possibilitar que os estudantes possam perceber que a cada nova resposta a filosofia tem novas perguntas.

Em outras palavras, a experiência filosófica é um processo vivo em que os pensamentos dos filósofos da tradição são novamente recriados e assumem novas perspectivas. E um dos elementos importantes no ensino de Filosofia é despertar para a autonomia; sem autonomia não é possível pensar por si mesmo e nem vislumbrar os horizontes da experiência filosófica. (GABRIEL, 2017, p. 47)

O autor assume um posicionamento de Obiols (2002), de que a história da filosofia e o filosofar são duas faces de uma mesma moeda. Assim, o autor assume, ao longo da obra, o entendimento conciliatório norteado pelo dilema kantiano de que não se ensina filosofia e, sim, a filosofar. O autor observa que essa frase é usada muitas vezes descontextualizada e, conforme Obiols (2002), Kant de forma alguma desvaloriza o conhecimento filosófico. São ações recíprocas: para filosofar é necessário conhecer os filósofos e seus pensamentos e para adentrar profundamente na filosofia é necessário filosofar. A história da filosofia, segundo o autor, possibilita que se conheça com profundidade a história de um conceito e se possa elaborar uma nova versão para a história desse mesmo conceito e assim encontre caminho para filosofar.

Gabriel (2017, p. 53) apresenta a relevância do pensamento metafórico do filósofo Nietzsche para possibilitar sua investigação sobre ensino de filosofia. Nas palavras do autor:

Entendemos ser relevante para o ensino de Filosofia como experiência filosófica a compreensão da Filosofia de Nietzsche sobre os valores, na medida em que o entendimento do filósofo alemão ultrapassa a reflexão sobre os valores, ao questionar o valor dos valores. A própria compreensão de verdade de Nietzsche, enquanto metáfora, parece propor o ensino de Filosofia não como ensino de verdades, mas como o momento de exercício filosófico de questionar sobre o que é a verdade e seu caráter de fluidez em relação ao tempo em que se vive. (GABRIEL, 2017, p.53)

Sendo assim, o autor defende a contribuição de Nietzsche e busca relacionar a sua própria definição de verdade enquanto metáfora da sua contribuição para se pensar o valor dos valores. Nietzsche inova porque diversos pensadores já haviam pensado sobre os valores, mas apenas o filósofo de Sils Maria problematizará sobre o valor dos valores e, desse modo, ao se debruçar sobre o valor dos valores, possibilita que se pense não apenas na moral, mas nas forças e nas relações de força que dão origem a determinada moral. Um leitor crítico desta obra que resenhamos pode se perguntar se a aula de filosofia no ensino médio terá condições efetivas de pensar sobre seus valores e sobre a origem dos próprios valores. Outrossim, não deixa de ser relevante a perspectiva metodológica que Gabriel (2017) propõe ao longo da obra ao pensar na experiência filosófica e pensar em filósofos que podem contribuir para se pensar em um ensino de filosofia que possibilite uma experiência filosófica.

Nas palavras de Gabriel (2017, p. 59), sobre a contribuição de Nietzsche, para se pensar o ensino de filosofia enquanto uma experiência filosófica:

Portanto, poderíamos concluir que Nietzsche (1978) oferece não um novo sistema filosófico com verdades dogmáticas inquestionáveis, mas, ao contrário, traz uma escrita paradoxal, metafórica, na medida em que continuamente os conceitos se mostram ressignificados. E nessa perspectiva, o ensino de Filosofia recebe uma contribuição no sentido de se pensar que a aula de Filosofia pode ser o momento de o estudante realizar a experiência da fluidez conceitual dos seus conceitos de “verdade”. (GABRIEL, 2017, p.59)

A aula de filosofia como experiência filosófica seria o momento oportuno de se pensar e se questionar o próprio sentido de verdade. O aluno do Ensino Médio seria convidado a pensar no valor das suas próprias verdades e de que maneira elas se constituíram e como poderiam ser questionadas. Ao longo da obra, Gabriel (2017) não desvaloriza o conceito de verdade e nem afirma que elas não existem, mas afirma que as verdades podem ser ressignificadas com uma experiência filosófica que possibilite uma busca para se refletir sobre o significado da próxima existência e das verdades que surgiram e surgirão ao longo do devir histórico.

Gabriel (2017) destaca Deleuze e Guattari ao abordar sobre a importância da contribuição dos autores, sobretudo na obra “O que é isto filosofia?” para se pensar na filosofia enquanto criação conceitual. Para Gabriel (2017), a filosofia não deve ser doutrinação e por isso o entendimento de criação conceitual é muito relevante para esse entendimento. Outrossim, é importante também compreender que a experiência filosófica proposta pelo autor desta obra não está relacionada diretamente com uma corrente filosófica mas com um modo de entender a filosofia. Ao longo das páginas o leitor encontrará um autor muito entusiasmado com a filosofia enquanto capaz de fazer as pessoas repensarem em seus próprios valores e verdades.

Encontramos nos dizeres de Gabriel (2017, p.77) o que ele entende mais exatamente sobre a criação de conceitos nas aulas de filosofia:

Criar conceitos em um mundo massificado significa criar resistência a uma forma de pensar em série, sem se privilegiarem singularidades. Essencial que a aula de Filosofia possibilite que o estudante perceba-se singular, único em sua forma de ser, de pensar e de agir, possuidor de ideias singulares, inéditas, e que esse mesmo estudante se permita entender a Filosofia não apenas como se formaram seus próprios valores, como também aprenda a refletir sobre tudo que existe para formar, para criar conceitos sobre suas próprias opções e sobre suas decisões existenciais. (GABRIEL, 2017, p.77)

A singularidade do sujeito que aprende filosofia é uma categoria também muito explorada pelo autor ao longo de suas reflexões no livro. Ele defende que a filosofia deve contribuir para se resgatar a singularidade e identidade pessoal daqueles que têm contato com a filosofia, levando-os a uma superação de um ensino de filosofia meramente enciclopédico. O autor afirma que o enciclopedismo em si não é negativo, mas o que não pode ocorrer é uma limitação na fase enciclopédica do conhecimento filosófico. Gabriel (2017, p. 95) destaca que se trata de um novo entendimento da filosofia em que há uma valorização do pensamento não enquanto “comprometimento com a verdade e sim com a experiência da verdade”. É característica marcante, do começo ao final da obra, a ênfase à experiência da verdade enquanto uma busca do entendimento a filosofia enquanto disciplina que possibilite uma experiência do pensamento. Nas entrelinhas do livro encontramos uma crítica do autor para com o entendimento positivista sobre a verdade. Na perspectiva do autor, a verdade é fluida, como em Nietzsche, que a encara enquanto metáfora e, desse modo, a compreensão positivista teria reduzido a atividade do pensamento filosófico aquilo que é comprovável “cientificamente”.

No segundo capítulo o autor destaca o ensino de filosofia segundo as Diretrizes Curriculares de Filosofia do Estado do Paraná. Embora sejam diretrizes específicas para um estado da Federação, percebe-se que os apontamentos do autor destacam elementos da metodologia do ensino de filosofia que poderiam ser aplicados em qualquer região. O centro do capítulo é a valorização do texto filosófico em sala de aula e divisão da aula em momentos que culminam com a criação conceitual.

O uso do texto filosófico é apontado como central para uma aula que se pretenda ser uma experiência filosófica porque é a partir do contato do estudante com o próprio texto do filósofo que se pode ter a possibilidade de uma experiência filosófica. Quando o ensino de filosofia se limita ao estudo de intérpretes sobre um determinado filósofo, o ensino da disciplina fica muito limitado porque se debruça a repetir o que já foi interpretado; no entanto, quando o

professor de Filosofia leva para a sala de aula o texto filosófico ele tem a oportunidade de propiciar aos seus alunos a possibilidade de um contato direto com aquilo que foi afirmado pelo filósofo e pode interpretar segundo sua subjetividade o que o texto filosófico apresenta.

O terceiro capítulo da obra apresenta os resultados da pesquisa empírica com as etapas que foram elencadas no início dessa resenha. Sobre os resultados da pesquisa assim afirma o autor:

Ainda podemos enfatizar que os resultados da pesquisa com os estudantes permitem verificar que os professores entrevistados foram bastante sinceros ao responderem às questões. De modo geral, podemos verificar que o entendimento dos professores é de um ensino de Filosofia que não esteja enclausurado nos limites da mera teoria, mas que seja um ensino de Filosofia que permita ao estudante do ensino médio criar conceitos e avaliar o valor dos valores. Todos os professores entrevistados, exceto um deles que afirma desconhecer Deleuze, consideraram oportuna uma abordagem de ensino de filosofia no ensino médio que considere a proposta deleuziana da Filosofia enquanto criação de conceitos e não mera reflexão. (GABRIEL, 2017, p.297).

O autor defende que os resultados da pesquisa empírica permitem entender que é pertinente a proposta entendida do ponto de vista teórico de um ensino de filosofia enquanto experiência filosófica. Percebeu-se, também, que, embora os professores reconheçam a pertinência dos textos de filosofia em sala de aula, há ainda dificuldade para se utilizar um texto filosófico em sala de aula em razão de os alunos do ensino médio, em grande parte, lutarem para entender e para interpretar adequadamente textos de filosofia clássicos, pela dificuldade de apreensão mais precisa dos termos filosóficos.

Gabriel (2017, p. 307) destaca que suas investigações levantaram questionamentos sobre o ensino de filosofia, e suas respostas propostas ao longo do livro não pretendem ser definitivas e, sim, apontar a necessidade de estudos complementares que auxiliem a pensar o ensino de filosofia enquanto problema filosófico.

Enfim, a obra oferece aos leitores a possibilidade de pausarem sua própria existência para pensar no conteúdo deste texto e, ao mesmo tempo, pensarem sobre as metodologias do ensino de filosofia principalmente no Ensino Médio. Como já apontamos, a observação que se tece a respeito desta obra é que ela se limita a apresentar discussões sobre o ensino de filosofia como experiência filosófica no Ensino Médio, deixando à espera um novo trabalho sobre como pensar o ensino de filosofia na graduação em filosofia enquanto criação conceitual. A experiência filosófica é uma aventura no ato de filosofar na perspectiva deste autor e de suas proposições.

REFERÊNCIAS

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

GABRIEL, Fábio Antonio Gabriel. **A aula de Filosofia enquanto experiência filosófica: possibilitar ao estudante de filosofia “criar conceitos” e ou “avaliar o valor dos valores”**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens R. Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os Pensadores).

OBIOLS, Guilherme. **Uma introdução ao ensino de Filosofia**. Ijuí: Unijuí, 2002.